

Alguns valores de *sempre* em enunciados interrogativos

Ana Bela Afonso

E. S. S^ª Maria Maior – Viana do Castelo

Tradicionalmente classificado como advérbio de tempo, pretendemos, com este estudo, dar conta de outros valores de *sempre*.

A análise será conduzida dentro de conceitos da Teoria Formal Enunciativa (TFE), nomeadamente desenvolvidos em Culioli (1990) e Campos (1998), apelando ainda para outras contribuições específicas (Franckel (1989), M. Lopes (1997) e Moreira (2002), entre outros). Com este enquadramento teórico, pretendemos dar conta das operações e valores subjacentes a enunciados interrogativos em que *sempre* ocorre, bem como das implicações (valores modais ou outros) resultantes desta ocorrência e estabelecidas nos enunciados.

Não nos desviando da perspectiva de Campos (1991) que, no estudo da interrogação em linguística portuguesa, pela primeira vez a classificou como um valor modal estritamente ligado ao valor de asserção, e optando metodologicamente pelo estudo do par pergunta/resposta (em vez da pergunta enquanto acto enunciativo isolado), torna-se claro que, ultrapassando o contexto indicado no título – enunciados interrogativos, alargaremos o estudo de *sempre* a enunciados assertivos, privilegiando sempre a imbricação dialogicamente estabelecida.

A TFE fundamenta que um termo nunca é isolado, mas antes estabelece uma relação biunívoca com os restantes elementos do enunciado: não só determina o contexto enunciativo em que ocorre, como ganha determinação através da relação que os restantes elementos com ele estabelecem. Esta opção metodológica é ainda extensível à interligação pergunta/resposta que aqui trabalharemos.

Na construção da significação, o enunciador projecta, no seu enunciado, uma estabilização que activa a opção sobre um dos dois valores fundamentais de *sempre*: o valor temporal/aspectual ou o valor nocional-modal. Daqui se constata que o estudo desta forma linguística incide sobre domínios diversos, que agruparemos nos domínios aspectual-temporal e nocional-modal.

1. Domínio aspectual-temporal (/modal)

Nos exemplos extraídos do Corpus de Referência do Português Contemporâneo (CRPC), do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, (modalidade oral, *corpus* literário e discurso jurídico), o uso da referência temporal de *sempre* é claramente superior¹.

- (1) A: E então, quando é que faz a lida da casa?
 (2) X: Ah, isso é **sempre**. É a minha vida todos os dias. Ando **sempre** a varrer, **sempre** a tornar a pôr, **sempre** a pensar no que está por fazer, não é?
 (3) A: Mas então quando é que descansa um bocadinho?
 (4) X: Olhe, nunca. Eu lá em casa ando **sempre** a limpar, **sempre** a limpar. Também tenho de tratar uns bichinhos que tenho. E parar é morrer, não é? A minha vida é **sempre** a trabalhar. (Ref:75P088, adaptado)

Estes exemplos em que *sempre* ocorre, constituem respostas a interrogativas parciais directas que implicam a existência de um pré-construído que linguisticamente, poderá ser traduzido em (1) por 'a lida da casa faz-se durante um determinado período de tempo', e em (2) por 'por mais que se trabalhe, descansa-se sempre um bocadinho'.

Ora o que nos enunciados interrogativos é posto em questão não é a referência a um acontecimento, mas antes a não possibilidade, por parte do enunciador, de preencher o lugar vazio que, numa sequência assertiva, transmite o valor temporal.

"Quando" corresponde, na interrogativa, ao representante (à *imagem*, segundo Culioli) dessa classe de valores imaginários (de manhã, de tarde, depois do almoço, etc.), neste caso com valor temporal. O que se pretende com a interrogativa, é que o segundo enunciador, ao distinguir um dos elementos da classe, sature a relação predicativa e a valide no seu espaço enunciativo e é o que é realizado em (2) e em (4) com o recurso ao adverbial *sempre*.

Os tempos verbais são os marcadores linguísticos básicos dos valores temporais e aspectuais, mas a referência temporal-aspectual pode também ser especificada por um outro tipo de marcadores – os adverbiais².

Campos (1991) distingue, nos adverbiais que especificam a referência temporal, "os adverbiais temporais ou de localização temporal e os adverbiais aspectuais, ou de localização aspectual, que especificam a estruturação do acontecimento linguístico, no interior de T₂, **independentemente de qualquer localização temporal.**"³.

¹ Os exemplos utilizados são sobretudo exemplos (re)construídos e sugeridos pelo CRPC (modalidade oral), já que, tendo em vista o tema deste trabalho, procedemos a uma selecção aferida, sem no entanto nos alheararmos completamente das restrições relativas às marcas de oralidade que abundam num discurso espontaneamente produzido.

² Na TFE o termo marcador, mais especificamente 'marcador de operação', é básico. Uma vez que a linguagem retém a marca das operações que a constituem, é possível o reconhecimento das operações realizadas na enunciação. A reconstrução da relação entre as representações mentais e um texto permite sublinhar o facto de os objectos linguísticos serem perspectivados como operadores que reenviam a operações e não a valores estáveis. Segundo Culioli, a um marcador pode corresponder uma variedade de valores, assim como um valor pode ser representado por vários marcadores.

³ (Sublinhado nosso). Num dos exemplos apontados -- "ontem, o Gil tocou piano durante duas horas", "ontem" especifica a localização temporal marcada na flexão verbal e "durante duas horas" especifica, além da duração, a localização aspectual, ou seja, a forma como o acontecimento linguístico é estruturado em T₂, tempo do enunciado.

No exemplo: (2) X: Ah, isso é **sempre**. É a minha vida todos os dias. Ando **sempre** a varrer, **sempre** a tornar a pôr, **sempre** a pensar no que está por fazer, não é?, que apresenta o valor temporal de presente, o que a ocorrência de *sempre* marca, para além da especificação da frequência de ocorrência dos acontecimentos que se repetem (varrer, tornar a pôr, pensar) é sobretudo o valor iterativo, funcionando, portanto, como marcador da quantificação [qnt] da duração dos acontecimentos e não da sua localização temporal. É por isso, seguindo a classificação de Campos, um adverbial aspectual.

Nos exemplos, o tempo T_0 da enunciação é um dos instantes da sequência T_1 , associada ao acontecimento linguístico. O valor de simultaneidade em relação a T_0 é expresso, quer pelo presente gramatical simples dos verbos ser (é), quer pela forma perifrástica (andar a varrer; a tornar a pôr; a pensar, etc.) que constróem o valor habitual como válido.

É, de facto, o adverbial que marca o valor iterativo do enunciado, ou seja, marca a construção de uma classe de acontecimentos que se repetem um número indeterminado de vezes e de modo contínuo. *Sempre* é portanto, nestes exemplos, um adverbial aspectual, marcador do valor iterativo. Se o adverbial fosse omitido, os enunciados teriam unicamente valor de simultaneidade em relação a Sit_0 e não funcionariam como resposta a (1) É então, quando é que faz a lida da casa? e a (3) Mas então quando é que descansa um bocadinho?, mas antes às interrogativas parciais 'o que faz durante a lida da casa?' e 'o que faz para descansar?'.
 Mas se com o recurso ao valor aspectual, o segundo enunciador se esquivava à localização temporal contextualmente exigida por *quando?*, por outro lado, respondendo com *sempre*, é preenchido o argumento que na sequência assertiva transmite o valor temporal. Ora, sabendo que não responder é não aceitar ser o segundo enunciador no espaço enunciativo antecipadamente construído na interrogativa, a expectativa do enunciador dos enunciados interrogativos é assim correspondida, ou seja, há a construção de uma resposta e, com ela, a construção de uma modalização que, na relação intersujeitos, marca uma distanciação em relação à validação pretendida (construção do valor temporal). Retome-mos os exemplos:

(3) A: Mas então quando é que descansa um bocadinho?

(4) X: Olhe, nunca. Eu lá em casa ando **sempre** a limpar, **sempre** a limpar. Também tenho de tratar uns bichinhos que tenho. E parar é morrer, não é? A minha vida é **sempre** a trabalhar.

Nunca é, semanticamente, o contrário de *sempre*. Recorrendo a uma tipologia de intervalos, poderá representar-se o valor aspectual de *sempre*, marcador da quantificação [qnt] da duração dos acontecimentos, como uma recta contínua (sem construção de valor de alteridade) em que, ao longo de todos os instantes, incluindo T_0 , permanecem inalteradas todas as propriedades que definem o estado. *Nunca*, pelo contrário, e citando Macário Lopes (1998): "especifica que não há um único intervalo de tempo relevante em que se verifique a situação descrita pelo enunciado", ou seja, é o oposto de *sempre*, enquanto marcador aspectual. Por isso, *nunca* é a forma que o enunciador encontrou para, respondendo, ou seja, procedendo ao preenchimento do argumento que transmite o valor temporal associado a 'descansar', rejeitar, no entanto, a localização temporal exigida por '*quando?*'.

Além disso, '*nunca descanso*' é até reforçado duplamente pelo seu complementar '*ando sempre a limpar, sempre a limpar*'. Mas importa ao enunciador da resposta não assumir a ruptura interenunciativa que a repetida rejeição da localização temporal possa provocar. Por isso, constrói na sua resposta uma interrogativa "tag": *E parar é morrer, não é?* Que corresponde a uma estratégia para levar o coenunciador a aceitar finalmente o recurso a *sempre* e a *nunca* como resposta a *quando?*.

Se repararmos, o primeiro membro é constituído por um ditado popular, uma fórmula universal evocadora de um património cultural profundo e por isso incontestável pela comunidade em que ocorre. O segundo membro, de natureza interrogativa-negativa – *não é?* – equivale a um pedido de confirmação do valor assertivo (e socialmente incontestável) do primeiro membro que o precede. Esta interrogativa acaba, na interacção comunicativa, por ter um valor retórico pois não permite resposta. Ela contém a própria resposta e, neste caso, apresenta um valor assertivo que o enunciador sabe ser incontestável (*parar é morrer*). Assim, fazendo a paráfrase de (3), 'como parar é morrer e eu não quero morrer, por isso estou, de facto, sempre a trabalhar'. Só que nesse tempo contínuo de trabalho, intercalou-se, afinal, o intervalo de tempo da própria situação de enunciação... E como se depreende que para X 'falar será sempre o contrário de trabalhar', surge a justificação: [...] X: Agora já ia trabalhar para o quintal, mas chegaram estas senhoras, tive de vir atendê-las. Mas eu andava a trabalhar...

1.1 Proposta de síntese

Os exemplos até aqui estudados permitem-nos confirmar que a posição típica de *sempre* enquanto marcador aspectual é essencialmente pós-verbal (p. ex.: 'o meu marido descansa sempre um bocadinho depois do almoço') ou intermédia quando ligado a tempos compostos (p. ex.: 'estou sempre a trabalhar').

Verificámos ainda que tendo em conta a relação do marcador com o co-texto, a posição pós-verbal ou intermédia activa uma estabilização no enunciado, estruturada no domínio aspectual e sem valor de alteridade (ao longo de todos os instantes permanecem inalteradas todas as propriedades activadas). Procurámos ainda mostrar que, enquanto resposta a uma interrogativa parcial com *quando?*, a forma *sempre* é também marca de um valor modal a que o coenunciador recorre para, saturando a relação predicativa subjacente, construir uma distanciação em relação à construção do valor temporal exigido na interrogativa.

2. Domínios nocional-modal (/aspectual)

Podemos verificar que quando *sempre* ocorre na posição pós-verbal ou intermédia em enunciados interrogativos, o valor de alteridade construído tem a ver com o valor específico da interrogativa: a posição de representação faz-se fora do domínio de validação (em I/E). Mas quando a posição de *sempre* no enunciado é pré-verbal, indica o valor nocional-modal, ou seja, manifesta valores modais e da relação intersujeitos. Estas restrições são verificáveis no ex.:

(5) "Então o agente Almeida *sempre* deu a licença?" Ref.: L0095P0145X.

O valor de alteridade é construído pelas operações subjacentes à própria interrogativa total directa (são construídos dois percursos complementares de ‘dar a licença’/ ‘não dar a licença’, alternativa que será estabilizada na validação da relação predicativa). Quando ocorre num enunciado interrogativo, *sempre* admite, à partida e sem pré-orientação para I ou para E, as duas ocorrências possíveis e complementares, mas a interrogação com *sempre* corresponde a um pedido de confirmação. De facto, o que acrescenta a ocorrência de *sempre* é que, para além de ser a marca de uma retoma anafórica (tal como *então*), faz manifestar, na operação de percurso em que ‘dar a licença’/ ‘não dar a licença’ são complementares e com uma equivalente plausibilidade de validação, um pedido de confirmação que pré-orienta a validação no sentido do valor positivo da noção, ou seja, *sempre* faz manifestar uma pré-orientação da validação predicativa para I (o interior do domínio de validação).

A glosa da resposta esperada será portanto afirmativa e confirmativa desse valor positivo: ‘sim, o agente *sempre* deu a licença’. Esta operação a que chamamos valor de expectativa do enunciador, marca uma operação de percurso no interior do domínio de validação, pelo que o bom caminho (“la bonne valeur” de Franckel, 1989: 66) será em I. A existência de um pedido de confirmação como condição para a ocorrência de *sempre* aparece também em enunciados em que há a construção de um valor de negação. Embora as sequências com *sempre*, disponíveis no *corpus* consultado, confirmem a preferência de ocorrências semanticamente equivalentes mas com o uso de *afinal* e ‘acabar por + V_{inf}’, tal como referido em Macário Lopes (1998: 9), a co-ocorrência de *não* e *sempre* a nível do mesmo enunciado foi estudada em Moreira 2002: 389, que acrescenta que “A abertura de percursos que *sempre* contém faz com que. [...] este possa incidir sobre *não*, isto é, ocorrer em frases negativas, em contextos em que há a expressão de uma confirmação de uma decisão prévia (exemplo (11) *sempre não apareceste!*), ou de um pedido de confirmação (exemplo (10) *João, sempre não queres ver o resultado do exame?*)”. Acrescenta ainda que “Uma incompatibilidade permanente surge na anteposição de *não* sobre *sempre* (14) **não sempre se consegue chegar à hora combinada*, incompatibilidade que desaparece com (14 a) *nem sempre se consegue chegar à hora combinada*, pela razão de que *não* há lugar à negação de *sempre* (lexicalização nunca) mas ao valor de restrição introduzido pela operação de percurso de que *nem* é marcador” (adaptado).

Na interrogativa, quando *sempre* incide sobre *não*, isto é, quando ocorre em enunciados em que há a construção de um valor de negação, pode concomitantemente manifestar, para além da retoma anafórica e de um pedido de confirmação, uma pré-orientação da estabilização da relação predicativa para I ou para E, conforme o valor esperado, novamente “la bonne valeur” de Franckel (1989), integrado no contexto enunciativo mais alargado. Poderá ser o caso dos exemplos:

- (6) O bolo, *sempre não* se queimou? A pré-orientação é em E – e a resposta esperada será ‘*sempre não* (se queimou)’
- (7) *Sempre não* tem um guarda-chuva que me empreste? A pré-orientação é em I – e a resposta esperada será ‘*sempre tenho*’. Este último exemplo sugere uma manipulação:
- (8) *Sempre* tens um guarda chuva que me emprestes?
- (9) *Afinal* tens um guarda chuva que me emprestes?

Embora (8) e (9) possam admitir a mesma resposta, podemos detectar nas operações e valores subjacentes aos enunciados, diferenças (e semelhanças) que resultam da ocorrência dos marcadores.

Afinal e sempre são ambos marcas de retomas anafóricas, mas a forma como a relação intersujeitos se estabelece na localização enunciativa não é a mesma. O pré-construído comum que as sequências retomam pode ser glosado como 'está a chover e eu não tenho guarda-chuva'. Em ambos os exemplos se constrói uma busca de estabilização, com recurso ao co-enunciador, e construindo um pedido de confirmação que pré-orienta a resposta para o valor esperado – o valor positivo, localizado em I. Mas enquanto *afinal* se encontra associado, de forma privilegiada em relação a *sempre*, a empregos que marcam uma ocorrência enunciativa precedida de uma sucessão de hesitações e determina por isso ao coenunciador a necessidade (ou mesmo obrigação) do final desse percurso e portanto a opção por um único valor (sim ou não), o pedido de confirmação de *sempre* parece, na pré-orientação da resposta, não interditar o acesso ao complementar, tendo esta operação uma marca prosódica, cuja curva melódica a distingue. Mas sendo marcador da retoma anafórica de uma asserção anterior, *sempre* continua a ser marcador temporal-aspectual, valor que acentua, na interrogação, a expectativa do enunciador e que poderá ser equivalente à glosa 'agora / neste instante/em qualquer momento (valor temporal-aspectual de *sempre*) tens um guarda chuva que me emprestes, não tens (valor nocional-modal de sempre- pedido de confirmação)?'

O exemplo: (10) Sempre quero ver se me emprestas o guarda-chuva. corresponde a uma interrogativa indirecta em que os termos 'sempre quero ver' e 'se me emprestas o guarda-chuva' se ligam pela partícula interrogativa *se* que marca a construção de uma classe fechada constituída por dois valores: *sim* (sim, empresto o guarda-chuva) e *não* (não empresto o guarda chuva). *Sempre* marca:

- a) a retoma de uma situação enunciativa anterior, na qual não foi validada a relação <tu, emprestar, o guarda-chuva>,
- b) um pedido de confirmação cujo valor modal permitirá interpretar um valor de réplica que refuta uma eventual discordância do co-enunciador, ou seja, o pedido de confirmação de *sempre* bloqueia, na pré-orientação da resposta, a validação do valor não pretendido (não empresto o guarda-chuva), tendo esta operação uma marca prosódica, cuja curva melódica a distingue de (8) Sempre tens um guarda-chuva que me emprestes?,
- c) um valor aspectual que activa uma estabilização no enunciado face ao valor de alteridade que a interrogativa constrói e que poderemos interpretar como: 'sempre ('em qualquer momento'/'agora' - localizado em relação a T_1) quero ver (localizado em T_2) se me emprestas o guarda-chuva (localizado em T_3)'.

A existência desta diversidade de valores (retoma anafórica, valor de confirmação e valor temporal-aspectual) como condição para a ocorrência de *sempre* aparece também em enunciados exclamativos como

(11) Sempre me saíste um patife! / (11') Saíste-me um patife!

(12) Sempre tens uma coragem! / (12') Tens uma coragem!

Sempre remete, nestes exemplos, para uma operação de percurso num domínio de alteridade em que 'saíste-me um patife/não me saíste um patife' e 'tens uma coragem/não

tens coragem' são complementares equitativamente validáveis. Nesta operação de percurso *sempre* elimina a alteridade e opera a estabilização da ocorrência interior do domínio de validação, salvaguardando o valor negativo em 'ser um patife' e positivo em 'ter coragem'. E ambos os exemplos *sempre* é marca de um valor de confirmação modalmente mais forte do que em (11') e (12') em que não há ocorrência do marcador. Nos quatro exemplos há total validação das relações predicativas subjacentes e uma operação de envio das noções ao centro atrator. Nas sequências (11) e (12) *sempre* marca a construção de uma operação complexa de construção de um domínio nocional (centro, interior, fronteira, exterior), situando uma ocorrência no interior do domínio. A operação de percurso corresponde nestes exemplos a uma identificação, pelo que é construído com o marcador um valor de confirmação. *Sempre* fixa o valor de alto-grau da noção, centrada no verdadeiramente P (como refere Culioli), sendo por isso possível glosar os exemplos como 'És verdadeiramente um patife!' ou 'És verdadeiramente corajoso'. Num contexto interenunciativo mais alargado, poderemos fazer atribuir a *sempre* um outro valor que remete para os 'factos de surpresa' definidos em Campos (2001): "Os factos surpresa, que para alguns autores são associados a uma nova categoria – o admirativo -, têm subjacente um raciocínio que se orienta em sentidos inversos: o enunciador constata como inesperado um facto que está em contradição com o facto esperado a partir do seu conhecimento anterior". Em relação aos exemplos podemos atribuir ao marcador *sempre* a construção deste valor orientado em sentidos inversos: o enunciador constata como inesperado um facto (saíres-me um patife) que está em contradição com o facto esperado (não seres patife), por exemplo.

Finalmente o valor aspectual de *sempre* remete para uma estabilização que permite uma interpretação de tipo temporal-aspectual. Sendo marcador anafórico, o valor iterativo do marcador faz associar à ocorrência 'ser patife' e 'teres coragem' um valor de 'hábito', sem valor de alteridade (ao longo de todos os instantes permanecem inalteradas todas as propriedades activadas) resultante da repetição de uma sucessão não determinada de pré-construídos retomados em (11) e (12) e cujos valores culminam na construção do alto-grau da propriedade que em cada enunciado é predicada.

2.1 Proposta de síntese

Tendo em conta o domínio nocional-modal, os exemplos até aqui estudados permitem-nos concluir que *sempre* funciona invariavelmente como:

1. marca de retoma anafórica
2. em enunciados assertivos tem um valor modal de confirmação e em enunciados interrogativos constrói um pedido de confirmação.
3. Sendo marcador de retoma anafórica, manifestando assim um valor nocional-modal e da relação inter-sujeitos, *sempre* continua, em muitos exemplos, a ser marcador aspectual, (o valor iterativo faz associar à retoma anafórica uma sucessão não determinada de pré-construídos sem alteridade, ou seja, um valor de hábito).
4. Poderemos ainda fazer atribuir a *sempre* a construção de um valor que remete para os 'factos de surpresa' definidos em Campos (2001): o enunciador constata como inesperado um facto que está em contradição com o facto por si esperado.

Para concluir esta apresentação (que não este estudo) falta-nos referir a etimologia de *sempre*. A morfologia do advérbio de tempo latino *semper* revela a presença de dois termos de composição. O primeiro termo, *sem-*, é a sobrevivência de uma raiz nominal indoeuropeia **sem-*, que traduziria o conceito primitivo de “um”, “unidade”. No latim, a mesma raiz reaparece, por exemplo, no advérbio de tempo *simul* (“ao mesmo tempo”), no advérbio numeral *semel* (“uma vez”), no numeral distributivo *singuli* (“um a um”) e, entre outros, no adjectivo *similis* (“semelhante”).

O segundo elemento de composição do advérbio é a preposição *per*, actualizada na morfologia latina, a traduzir o conceito de “percurso”, ou “continuidade”. A sua origem prende-se igualmente com uma raiz indo-europeia, que ficou documentada também em várias línguas (o grego *perí*, o sânscrito *pári*, o avéstico *pairi*, o gótico *fair-*, o alto alemão *ver-*, o lituano *per-*, o antigo eslavo *pre-*, etc.). Revelando a etimologia de *sempre* a concomitância, neste marcador, de uma pluralidade de valores, há por isso exemplos que, de facto, nos confirmam que a distribuição típica de *sempre* (pós-verbal/valor aspectual; pré-verbal/valor nocional) poderá não ser verificável, subsistindo ambiguidade na interpretação de sequências como, por exemplo:

- (13) “Não me importava muito de lá ir levar os figos porque *sempre* me davam alguma coisa” Ref.: L0093P0014X (adaptado).

Este exemplo pode ser interpretado como ‘Não me importava muito de lá ir porque **pelo menos** me davam figos’; a glosa ‘pelo menos’ refere um valor nocional – valor de confirmação com modalização fraca (afastada do centro atractor) e que remete para o percurso nocional (o conceito de “percurso” conservado no segundo elemento de composição do advérbio – ‘*per*’). Mas para além desta interpretação, também poderemos aceitar a interpretação ‘Não me importava muito de lá ir porque **quando ia**, davam-me sempre figos’, valorizando-se neste caso o valor aspectual, glosado como “de cada vez que lá ia” e que remete para o primeiro termo *sem-* ‘um’ ou ‘um a um’. Mas também, em concomitância dos dois valores que a etimologia de *sempre* articula, poderíamos interpretar como: ‘não me importava de lá ir porque pelo menos (valor nocional-modal / modalização fraca / ‘*per*’) em cada vez que lá ia (*semel-* valor aspectual) davam-me sempre figos (*per-* valor de percurso, de duração ou continuidade – passagem da unidade para a totalidade).

Vemos portanto que na posição pré-verbal, *sempre* tanto pode admitir um valor nocional como aspectual, o mesmo acontecendo com o marcador na posição pós-verbal. Concluimos com uma constatação: sempre é verdade que os Antigos nos disseram sempre tudo!

Referências

- Campos, M. H. C. (1997) *Tempo, Aspecto e Modalidade. Estudos de Linguística Portuguesa*. Porto: Porto Editora.
- Campos, M. H. C. (1998) *Dever e Poder. Um subsistema modal do Português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, JNICT.
- Culioli, A. (1999) *Pour une linguistique de l'énonciation. Opérations et représentations*. Paris: Ophrys.

- Frankel, J.-J. (1989) *Etude de quelques marqueurs aspectuels du français*. Genève: Droz.
- Ilari, R. (1993) Sobre os advérbios focalizadores. In *Gramática do Português falado*, pp. 195-212.
- Lewis, C.T. & C. Short (1993) *A Latin Dictionary*. Oxford: Clarendon Press.
- Macário Lopes, A. C. (1997) Contribuição para o estudo dos valores discursivos de sempre. In *Actas do XIII Encontro da APL II*. Lisboa: APL, pp. 3-14.
- Morceira, B. (2002) Sobre a polissemia de sempre. In *Saberes no Tempo-Homenagem a Maria Henriqueta Costa Campo*. Lisboa: Edições Colibri, pp. 381-394.

Nota final: a continuação deste estudo será tributária dos comentários e sugestões referidos no final desta comunicação e que aqui expressamente agradeço.